

Reflexões sobre prática e ética da psicanálise

(por Vinícius Rafael de Oliveira)

Muito se fala acerca das mais variadas formas de atendimento terapêutico ao indivíduo. Um número vasto de abordagens e práticas clínicas são cada vez mais comentadas em nosso cotidiano. Algo de novo nisso? Provavelmente não. Todo esse grupo de “inovadoras” tanto na medicina como na psicologia, será que estas olham para o sujeito?

Pode-se perceber que na maior parte do tempo se discutem questões técnicas ligadas ao fortalecimento egóico. Algo que desde o princípio da invenção de sua denominação carece de clareza e assertividade. Freud nunca falou sobre ego, assim, vê-se a confusão criada pelos sucessores de Freud que tomaram para si a idéia dessa estrutura a ser trabalhada e fortificada, para que desse modo pudesse assumir os desmandos do obscuro e maléfico isso. Lacan trata disso exaustivamente nos primeiros seminários, propondo uma retomada da leitura freudiana sem desvios. No seminário 1 critica o pensamento dessa psicologia do ego que pretende realizar uma cisão com a mais importante peça freudiana – o inconsciente. Busca-se nessa formatação uma musculação egóica para que este permaneça irretocável frente aos ataques do insensato inconsciente.

Têm-se também as “maravilhosas novidades” da terapia comportamental que trata do indivíduo como um cão a ser reabilitado. O seu ideal de supressão dos comportamentos fora do padrão. “Talvez o xixi esteja caindo fora do jornal!” A falha idéia de negação de sintomas, que, trazem em si, uma particularidade linguageira e não fisiológica e comportamental. Nesse contexto, busca-se tamponar a particularidade do sintoma a fim de deixar o indivíduo limpo da sujeira que o atrapalha.

Já no paradigma médico impera a farmacologia. A busca pela receita do *pharmakon* que ajude uma pessoa a desenrolar na vida. A peça química salvadora que traga conforto e adequação. Ao indivíduo basta agora realizar tudo aquilo que foi tirado dele durante toda sua vida. O que lhe foi impossibilitado pela falta de um objeto que regulasse o encaixe entre o eu e o mundo. “Com meu remedinho no bolso tô de bem com a vida!”

É bastante discutida também atualmente a influência do campo das neurociências. Vários psicólogos e mesmo psicanalistas chegam com suas revistas Veja e

Superinteressante empolgados e espantados com todo o mapeamento e comportamento neuronal. Matérias que mensalmente nos encham de novidades acerca dos saberes da mente. Por vezes há um grande alvoroço quando um desses veículos de mídia traz informações compatíveis a termos usados em psicanálise. Lê-se numa matéria: “o inconsciente foi encontrado e confirmado! Parece que nem tudo que esse Freud falava era balela. Agora podemos até dizer onde se localiza e de que cor é o inconsciente. E o Édipo, também?! Não, aí é foda. Isso não.”

Paradigma e ética da psicanálise

Será que é necessário se preocupar com isso tudo? O que na verdade isso tem a ver com a psicanálise? **Isso** tem muito.

A formulação freudiana introduziu ao mundo a noção de inconsciente, pelo axioma contraditório que fala de uma divisão subjetiva através de um algo que fez alguma coisa num lugar ainda inexistente. Ou seja, o inconsciente é formado pelo *Urverdrangung*, recalque original, fundante do sujeito advindo pelo inconsciente. Origem importante que interessa por demais aos analistas.

Esse **sujeito** nada tem a ver com o indivíduo, pessoa ou o que quer que seja trabalhado nas variadas abordagens existentes. A psicanálise se ocupa de outra coisa. O psicanalista é alguém cujo movimento de fim de análise implica num passo a mais a ser dado em direção a uma resolução de servir de suporte ao desejo e à fala. Como nos preocupar com práticas nas quais não há fala do sujeito?!

O modo psicanalítico é o do desejo, sendo este criador de discurso. Em meio a esse discurso temos nossa práxis: pontuações e escansões em cima da palavra e da letra, tanto num discurso verborrágico como no engasgo e no silêncio.

A ética da psicanálise é particular, não corresponde à ética de qualquer outra prática profissional. A posição de causa de desejo e de desencadeador de discurso é própria do fazer do analista.

Lacan em todo o Seminário da Ética circula em torno desse modo característico de ação. Nesse seminário há um extenso passeio em diferentes idealizações éticas, passando por Kant, Sade, Bentham, Diderot, Marx, Santo Agostinho, dentre outros.

Logo de início é trazida toda a importância de *das Ding*, a Coisa freudiana que Lacan tanto faz questão de tratar nesse seminário. Ao se falar em enigmático, obscuro e estranho, remete-se a *das Ding*. É o que guarda de oculto o princípio de realidade, isso que ordena os tateamentos do ser em relação a suas expectativas e desencontros.

Lacan faz a articulação da mãe como *das Ding*, lugar em que ela acarreta sentimentos de frustração, dependência e gratificação. Daí a importância da descoberta freudiana não só em relação ao incesto, mas por tê-lo colocado com o desejo dos desejos – o desejo essencial.

É o pai quem interdita a mãe enquanto a Coisa, assim instaurando a Lei. Daí, já em Freud tem-se a noção de que essa mãe-Coisa, esse Bem supremo não existe, pois está interditado enquanto objeto de incesto. Entre esse objeto narcísico e *das Ding* está o campo onde Lacan situa a sublimação. Esta seria, de forma direta, a elevação do objeto à dignidade da Coisa.

Aqui, Lacan trata sobre a questão da teoria do amor cortês e em seguida cita a estória de Prévert e sua coleção de caixinhas de fósforo. Caixas vazias, mas que a partir de certa disposição formavam um conjunto ornamental agradável. Lacan refere que a caixa de fósforos não era mais um objeto, algo útil, mas ali estava em sua coisidade, apontando para a Coisa, algo além do objeto, causa de sublimação.

Lacan apresenta ainda o vaso como objeto representativo da função significante como obra de criação. O vaso faz pensar as estruturas opostas de pleno e vazio. O oleiro quando cria o vaso com suas mãos, o faz a partir de um vazio. E é em torno desse vazio no centro real da Coisa, *das Ding*, que se articula a trama significante. A Coisa não é mais do que um vazio rodeado, excluída da cadeia, mas que sustenta sua trama.

Já em Sade se tem a apologia ao gozo, ao crime e a destrutividade como necessários a uma nova ordenação da natureza, a criação a partir de uma nada. Neste ponto, Lacan introduz a pulsão de morte como marcada pela cadeia significante, já que ela exige ser articulada, e o é como pulsão de destruição, trazendo em si a intenção da criação *ex nihilo*. Este é o ponto que vem de encontro à concepção da pulsão de morte como sublimação criacionista em torno do vazio do campo da Coisa.

Sobre o desejo

Para falar sobre o desejo e sobre o Bem, Lacan recorre à tragédia de Antígona, na qual Antígona representa o desejo e Creonte o Bem. Antígona é marcada pela Lei

absoluta, já Creonte é marcado pelo Bem e por fazer desse Bem uma lei sem limites. Nesse ponto Lacan diz: “a dimensão do Bem como tal é a que levanta uma muralha poderosa e essencial na via de nosso desejo, é com o que temos que ver-nos, sempre e em todo momento”.

Antígona, nossa heroína, assume uma posição extrema em relação à vida, não conhece medo nem piedade, seu caminho é o limite entre a vida e a morte. “Apesar da proibição que pesa sobre a cidade, faço questão de enterrar meu irmão”. Enquanto Antígona cumpre um dever sagrado, o outro (Creonte) comete um grave erro de julgamento.

Trata-se aqui de um limite, um horizonte determinado por uma relação estrutural: a entrada na ordem significativa. Ela está no campo da lei, do direito à sepultura, esta última servindo como um registro daquele situado por um nome: aqui jaz *Polinices*. Fica um traço.

Antígona leva ao limite a realização de seu desejo. Desejo é o desejo do Outro, que aqui se liga ao desejo da mãe, desejo incestuoso que gera quatro irmãos, e gera também essa estrutura. Antígona assume a fatalidade do crime, sacrifica seu ser à manutenção desse infortúnio (*Até*), dessa maldição familiar que é marcada desde Édipo Rei, quando este abraça suas filhas e derrama sobre a cabeça delas a desgraça, a herança do crime.

Para Lacan, o desejo se realiza numa perspectiva de condição absoluta. A demanda por estar articulada ao significante está aquém e além dela mesma, demanda sempre outra coisa. Também a experiência de satisfação exige outra coisa. É o desejo que suporta a metonímia do ser.

O analista

E o que faz o analista frente à demanda de felicidade? A felicidade supõe um bem absoluto e o analista sabe que este bem não existe, já que em seu fim de análise teria se deparado com o limite que coloca em pauta o desejo. O processo analítico traz como novo a questão do desejo como central do sujeito. O que se encontra em análise é sua própria lei. Essa lei que é sempre a aceitação de algo que foi iniciado em gerações anteriores, essa *Até* familiar. Esse infortúnio, maldição, desgraça que se nem sempre atinge o nível alcançado por Antígona não deixa de trazer para cada sujeito sua parcela de trágico.

A ética da psicanálise implica uma articulação do desejo que conduz, em sua última instância, a um questionamento: agiste conforme teu desejo? – o que equivale a perguntar-lhe se admite renunciar aos ideais de aprisionamento egóico e, assim, manter-se fiel à falta objetual que o funda como sujeito desejante.

Está aí apontada a direção eminentemente clínica da ética da psicanálise para Lacan. É uma questão a partir da relação analisante-analista marcada pelo imperativo original: “*Wo Es war, soll Ich werden*”, esse eu (je) que deve advir onde isso era, esse eu (je), não é outra coisa senão isso cuja raiz temos, de antemão, nesse eu (je), que se interroga sobre o que ele quer.